

**X Encontro de Pós-graduação
em História Econômica**

Virtual

**8ª Conferência Internacional
de História Econômica**

9, 10, 11 e 12 de novembro

2020

**Maurice H. Dobb: contribuições para a
historiografia econômica inglesa no século vinte**

Gabriel Galeti Mauro

Maurice H. Dobb: contribuições para a historiografia econômica inglesa no século vinte

Gabriel Galeti Mauro¹

RESUMO Este artigo busca analisar as contribuições do economista britânico Maurice Herbert Dobb (1900 – 1976) para a sedimentação de uma nova corrente de estudos econômicos e históricos na Inglaterra. Apresentando um panorama das diretrizes historiográficas tradicionais inglesas entre os séculos XIX e XX, tentamos mostrar como a aproximação intelectual do autor com a teoria de Marx, desde a década de 1920, serviu de contraponto ao *establishment* anterior e também como base para a construção de uma tradição historiográfica distinta: a tradição marxista. Portanto, fizemos a leitura de artigos do próprio autor, assim como analisamos trechos de sua obra *Studies in The Development of Capitalism*. Além disso, utilizamos trabalhos de diferentes comentadores especializados no *establishment*, assim como na historiografia marxista, para discutir até que ponto Dobb é realmente um pioneiro nessa tradição.

Palavras-chave: Dobb, marxismo, historiografia, economia, *establishment*

Maurice H. Dobb: contributions to English economic historiography in the twentieth century

ABSTRACT This article aims to analyse the contributions of the British economist Maurice Herbert Dobb (1900 – 1976) to the sedimentation of a new line of economics and historical studies in England. Presenting a panorama of the British traditional historiographical guidelines between the nineteenth and the twentieth centuries, we tried to show how the author's intellectual approach of the theory of Marx, since the decade of 1920, worked as a counterpoint to the former *establishment* and also as a base for the construction of a distinct historiographical tradition: the Marxist tradition. Thus, we made the reading of the author's own articles, so as we analysed parts of his book *Studies in The Development of Capitalism*. Besides, we used the works of different commentators specialized in the *establishment*, so as in the Marxist historiography, to discuss how much Dobb is really a pioneer in this tradition.

Key words: Dobb, Marxism, historiography, economics, *establishment*

¹ Estudante de graduação em Economia na FEA-USP, orientando de Iniciação Científica do Prof. Dr. Alexandre M. Saes, com amparo da FAPESP.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo realizar uma reflexão crítica acerca das contribuições do economista Maurice Herbert Dobb (1900 – 1976) para a sedimentação da historiografia econômica marxista na Inglaterra ao longo do século XX. Pretende-se discutir, detalhando seu desenvolvimento teórico e metodológico iniciado na década de 1920 e que culmina na obra clássica *Studies in the Development of Capitalism* (1946), como o autor participou da consolidação de uma nova corrente britânica de estudos econômicos e históricos.

Uma boa reflexão em torno de tal problemática, entretanto, exige de nossa parte um mapeamento e uma contextualização mais geral sobre o panorama da historiografia inglesa na virada do século retrasado para o passado. Nesse sentido, é conveniente discutir sobre os fundamentos metodológicos e ideológicos que norteavam o trabalho dos historiadores ingleses em geral no período que vai da década de 1880 até os primeiros decênios do século XX. Faz-se necessário, também, apresentar um pouco do quadro acadêmico no qual se inseriam os pesquisadores de história econômica (os historiadores econômicos e os economistas históricos) já no final dos oitocentos, buscando igualmente entender quais eram as influências metodológicas que balizavam seus trabalhos. Assim, partindo de considerações feitas por outros autores sobre o tema, será possível analisar quão profundas e marcantes são as diferenças entre a corrente marxista e o *establishment* das décadas anteriores.² É desse modo, portanto, que conseguiremos entender como Dobb se posiciona diante de dois momentos na historiografia e quais as suas contribuições para as origens de um novo paradigma na Inglaterra.

Por outro lado, julgamos pertinente apresentar de forma mais detalhada o amadurecimento teórico e acadêmico de Dobb, mostrando como o economista aproximava-se cada vez mais do arcabouço teórico de Karl Marx (1818 – 1883) até a publicação de sua obra seminal de 1946. Para isso, faremos a leitura de artigos publicados pelo economista ao longo de sua carreira como professor da Trinity College da Universidade de Cambridge. Assim, será possível ver realmente como se dá a associação de Dobb à

² *Establishment* é o termo usado pelo historiador econômico Rodney Hilton para fazer referência aos membros das revistas mais famosas de História e de História Econômica na passagem do século XIX para o século XX: a *English Historical Review* (fundada em 1886) e a *Economic History Review* (fundada em 1926). Cf. (Hilton, 1977, p. 10); (Butterfield, 1931); (Corner, 1985); (Carr, 1982); (Saes, 2017).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

visão de mundo marxista nesse processo de maturação intelectual que se inicia nos anos de 1920. A análise dos artigos também será fundamental para entender como seus conteúdos contêm já uma espécie de núcleo teórico cujo desenvolvimento mais completo e refinado se mostra nos *Studies*, o qual também receberá atenção da nossa parte.

Além desta introdução e de uma conclusão, o artigo será composto de três seções. A primeira tratará rapidamente das interpretações que discutem como Dobb se insere dentro do corpo de acadêmicos britânicos marxistas a partir dos anos de 1940.³ A segunda terá ênfase no estudo e na contextualização do *establishment* historiográfico inglês. Por fim, a terceira buscará discutir pormenorizadamente as contribuições de Dobb para a formação dessa nova corrente de estudos econômicos e históricos na Inglaterra. Dado o caráter e os objetivos deste artigo, as duas últimas seções deverão constituir o grosso de seu conteúdo. Não significa, porém, que a primeira delas é de importância menor.

1. DOBB E OS MARXISTAS BRITÂNICOS

A maneira de enxergar a inserção de Dobb no grupo de marxistas britânicos, assim como a relação do autor com a produção intelectual que se segue a partir dos anos de 1950, não é tão consensual como poderia parecer numa análise menos atenta. Harvey J. Kaye nos mostra, na introdução de sua obra *The British Marxist Historians: an introductory analysis*, interpretações pertinentes que lançaram questionamentos sobre o modo pelo qual o economista britânico se associa aos estudos posteriores.⁴ Nessa seção, daremos ênfase a duas delas (dado o pequeno espaço do qual dispomos).

A primeira remete a Richard Johnson, afirmando peremptoriamente que entre Dobb e os outros membros do Grupo de Historiadores do Partido Comunista Inglês existe uma ruptura teórica significativa em meados dos anos de 1950.⁵ Isso porque os trabalhos de Hill, Hilton, Hobsbawm e Thompson atentariam muito mais para as relações culturais e políticas presentes na dinâmica capitalista do que para seus fundamentos econômicos e sociais. Apresentariam, com isso, uma espécie de “marxismo cultural” totalmente divorciado do enfoque que Dobb dá para a dinâmica estrutural das relações de produção

³ (Kaye, 1984).

⁴ (Kaye, 1984, p. 01 – 22).

⁵ Além de Maurice Dobb, outros importantes nomes que fizeram parte desse grupo por um período razoável de tempo são: Christopher Hill, Rodney Hilton, Eric J. Hobsbawm e Edward P. Thompson.

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

no processo de formação da economia moderna. Este, portanto, estaria ligado a uma espécie de “marxismo econômico”.⁶

A segunda pertence ao próprio Kaye. Sua tese principal é de que, apesar de serem razoáveis as diferenças entre Dobb e seus colegas do Partido Comunista, elas não indicariam por si só uma ruptura, ou melhor, uma quebra teórica. Na realidade, mesmo com as distinções entre os autores, todos possuem algo em comum: um estudo cuja ênfase está nas lutas de classes como elemento definidor das transformações e dos desdobramentos históricos e sociais. Nesse sentido, o economista britânico realmente atuou como um pioneiro no que Kaye chama de uma “tradição marxista britânica”.⁷ Todos os membros dessa tradição teriam, de um ou outro modo, dado à narrativa histórica um fundamento estrutural na medida em que o próprio Marx coloca, no *Manifesto do Partido Comunista* de 1848, que a “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes”.⁸

2. UM PANORAMA DO ESTABLISHMENT HISTORIOGRÁFICO INGLÊS

Qual era o “estado das artes” da produção intelectual hegemônica na Inglaterra até então? Quais eram os fundamentos metodológicos e teóricos que norteavam os critérios a serem utilizados pelos acadêmicos do período para a reconstituição histórica? O entendimento dessas indagações exige um mapeamento da produção historiográfica britânica nas últimas décadas do século retrasado e nas primeiras do século passado. É de tal modo, inclusive, que será possível relacionar a trajetória ascendente de Dobb e do marxismo com a desconstrução do, até então, *establishment* intelectual inglês.

A historiografia inglesa tradicional, a qual balizava o trabalho dos pesquisadores desde os anos de 1850, tinha como um de seus pilares metodológicos o pensamento positivista.⁹ Não significa, porém, que este tenha sido tomado de forma totalmente

⁶ (Kaye, 1984, p. 18 – 20).

⁷ (Kaye, 1984, p. 20 – 22).

⁸ (Marx, 2017, p. 22).

⁹ Um dos principais nomes dessa tradição é Leopold von Ranke (1795 – 1886). Famoso por defender a aplicação do método do científico nos estudos de História, ficou conhecido por ser um dos cânones da chamada “História Científica”, divulgando a máxima de que o historiador poderia mostrar o fato apenas como realmente se passou [*wie es engentlich gewesen*]. (Cf. Carr, 1982, p. 12).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

consciente pelos historiadores britânicos do período. Na realidade, muitos não tinham nem mesmo a exata noção da base filosófica por trás do método majoritariamente aceito.¹⁰

O embasamento positivista do *establishment* histórico britânico fomentou nos intelectuais da área uma atividade cuja expressão mais marcante era a coleta e o arrolamento exaustivo de dados. A explicação histórica nasceria da própria “descoberta” incessante dos fatos considerados relevantes.¹¹ Os historiadores, nesse sentido, eram regidos pela crença de que a História deveria ser apresentada “como ela realmente era”. E esse objetivo teria de ser alcançado por meio do acúmulo perene e crescente de evidências empíricas e perfeitamente observáveis.¹² Nota-se, nesse sentido, uma influência marcante da filosofia empirista de John Locke. Como nos aponta E. Carr, os historiadores britânicos eram fiéis ao postulado lockeano de que o sujeito estaria completamente separado do objeto, de modo que os fatos eram plenamente soberanos, impondo-se sobre o pesquisador. Este, por seu turno, trabalharia passivamente sobre os dados recolhidos. Só após um longo e minucioso arrolamento de informações é que o acadêmico poderia tirar alguma conclusão.¹³

É importante que se pontue o seguinte: a historiografia tradicional britânica, embora estruturada no método positivista, possuía raízes derivadas de uma ideologia liberal cuja hegemonia se apresentava desde o final do século XVII com as revoluções burguesas na Inglaterra. A autonomia e a ação individuais funcionariam, nesse sentido, como o fio condutor de todo o processo histórico. Isso confere ao *establishment* um caráter totalmente particular, uma vez que a atividade do historiador não se resumia apenas ao acúmulo das evidências observáveis, mas principalmente daquelas relacionadas às grandes figuras, aos eventos marcantes e até mesmo às instituições nas quais os indivíduos deixavam suas marcas. O que acabamos de afirmar pode ser ilustrado pelas palavras de Rodney Hilton:

A tradição acadêmica britânica inclina-se, pelo menos desde fins do século XIX, para estudos exatos e minuciosos que visam ao acúmulo de dados comprováveis. A formação do historiador não se detém na discussão de hipóteses que expliquem eventos históricos significativos, menos ainda na tentativa de penetrar a essência dos “agentes motores” das configurações

¹⁰ (Corner, 1985, p. 90).

¹¹ (Saes, 2017, p. 43).

¹² (Corner, 1985 p. 90 – 91).

¹³ (Carr, 1982, p. 13).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

*sócio-políticas. Consiste, ao que me parece, na remoção de todos os elementos do estudo de uma sequência de acontecimentos num prazo curto, ou na identificação dos elementos da instituição mais importante (em geral, a dominante) da sociedade. Para tanto lança-se mão, sempre que possível, de fontes administrativas supostamente objetivas, ou se procede à análise crítica de crônicas, narrativas ou cartas consideradas passíveis de subjetivismo humano.*¹⁴

Por mais que a historiografia inglesa tradicional estivesse fundada no casamento entre positivismo e liberalismo, ela não fazia nada mais do que refletir um padrão presente em quase toda a produção intelectual europeia. A peculiaridade está no fato de que o *establishment* permaneceu como tal inclusive durante a passagem para o século XX, depois que as publicações de Marx e Engels causaram, nos países continentais, extensas rupturas historiográficas e importantes questionamentos metodológicos. Esse impacto, por sua vez, exemplifica-se com o surgimento de acadêmicos identificados em certa medida com o marxismo (tais como Labriola na Itália e Kautsky na Alemanha, respectivamente). Na Inglaterra, porém, a influência comunista entre os quadros acadêmicos tradicionais foi sentida numa intensidade muito menor se comparada a outros países do continente.¹⁵

Se é possível elencar motivos pelos quais o *establishment* inglês resistiu à difusão das principais obras comunistas ao longo da transição do século XIX para o XX, daremos ênfase a dois deles. Em primeiro lugar, não havia nenhuma escola histórica mais próxima do padrão marxista de pensamento que pudesse rivalizar com a historiografia tradicional, como foi na Europa continental. O que se projetava naquele momento como corrente histórica divergente era aquela ligada ao pensamento democrático e reformista, tributário em larga medida do socialismo utópico de R. Owen e que desembocou, posteriormente, no *socialismo fabiano*, cujos principais representantes eram B. Webb e S. Webb. Não foi capaz, no entanto, de equiparar forças com a tradição acadêmica liberal. Além disso, a própria classe trabalhadora britânica se colocava, naquele momento específico, numa posição razoavelmente distante do marxismo.¹⁶ Qualquer tentativa de empreendimento teórico nas linhas propostas por Marx e Engels não teria o suporte necessário do

¹⁴ (Hilton, 1977, p. 10).

¹⁵ (Corner, 1985, p. 92).

¹⁶ (Corner, 1985, p. 92 – 93).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

proletariado inglês e de sua militância organizada, cujo interesse pelas propostas comunistas era reduzido.

A Inglaterra do final do século XIX também presenciou a emergência de uma outra ramificação historiográfica. Paralelamente ao *establishment* da *English Historical Review*, ganha força entre muitos economistas a necessidade de se entender o desenvolvimento econômico a partir de suas fundamentações históricas concretas. É assim que, no seio do debate metodológico com o Marginalismo e com a Escola Neoclássica, num momento de crise da Economia Política Clássica após a morte de J. S. Mill (1806 – 1873), começam a despontar os primeiros estudos especializados de história econômica.¹⁷ Divergindo de um modo geral do dedutivismo *a priori* dos marginalistas e neoclássicos, os chamados “economistas históricos” ingleses carregavam forte influência do historicismo alemão, o qual tinha Gustav von Schmoller como um de seus principais expoentes. Priorizavam a pesquisa de temas relacionados às origens do desenvolvimento industrial britânico, assim como aqueles associados à história das empresas, do comércio e do trabalho. Futuramente, já na década de 1920, esse esforço de defesa da história econômica na academia inglesa culminaria com a fundação da *Economic History Review*.

A metodologia analítica que ancorava os projetos desses pesquisadores assemelhava-se em certa medida com a mesma que o *establishment* representado pela *English Historical Review* havia abraçado décadas antes. Os estudos de história econômica eram dotados de considerável empirismo, fruto da perspectiva positivista que embasava o trabalho dos autores, os quais se esforçavam, portanto, para tirar conclusões gerais a partir da coleta e do constante arrolamento de dados históricos e econômicos.

¹⁷ Escola de pensamento econômico cujas origens datam do final do século XIX. Resgatando conceitos primordiais do liberalismo clássico de Adam Smith (1723 – 1790) e de David Ricardo (1772 – 1823), os neoclássicos balizavam sua compreensão da dinâmica econômica a partir de uma análise subjetiva que partia de premissas sobre a racionalidade dos dois agentes econômicos fundamentais: as firmas e os consumidores. Ambos buscariam alocar recursos de uma forma livre e eficiente, maximizando o lucro e a utilidade individual, respectivamente. Assim, a iniciativa individual do agente econômico racional é que estaria na base de toda a complexidade da economia moderna. Os princípios basilares da Escola Neoclássica fundamentaram o desenvolvimento da teoria microeconômica ao longo do século XX, assim como estão por trás da teoria macroeconômica mais recente: a chamada Macroeconomia microfundamentada. Um dos principais expoentes dessa corrente de pensamento foi Alfred Marshall (1842 – 1924). Professor de Cambridge, foi mentor inicial de John Maynard Keynes e publicou uma obra seminal chamada *Principles of Economics* (1890). É importante notar que, embora houvesse divergências teóricas entre os marginalistas e os neoclássicos, ambos possuíam muitas premissas em comum, tais como a ênfase no agente econômico racional que busca maximizar seu prazer (ou minimizar seu sofrimento, o que seria a mesma coisa) por meio da alocação eficiente de recursos.

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

Apesar dessa proximidade metodológica com a historiografia tradicional, os defensores da história econômica na academia divergiam em certa medida da ideologia liberal que enraizava os trabalhos da *English Historical Review*. Por outro lado, aproximaram-se de uma perspectiva social-democrata e reformista como linha correta para a análise do desenvolvimento econômico. Nas palavras de Saes:

*Portanto, os pioneiros da história econômica na Inglaterra basicamente atacavam em duas frentes. Promoviam uma evidente defesa da maior presença da análise histórica, fundamentada no empirismo, dentro dos cursos de economia [...]. E, ao mesmo tempo, mantinham uma posição crítica à política econômica britânica, defendendo a maior intervenção do governo na economia, e exigindo o maior arbítrio entre os conflitos de capital e trabalho e a implementação de reformas sociais.*¹⁸

3. AS CONTRIBUIÇÕES DE MAURICE DOBB

A produção acadêmica do economista inglês é bastante reconhecida na historiografia econômica contemporânea (principalmente a de caráter marxista) em função de seus trabalhos sobre a origem e o desenvolvimento da economia moderna. A publicação dos *Studies* em 1946 deu origem a um extenso e rico debate entre economistas e historiadores marxistas cujo pano de fundo foi a problemática da transição “feudalismo – capitalismo” (tema apreciado ao longo de parcela considerável da *Magnum opus* de Dobb). A controvérsia contou com importantes nomes tais como Rodney Hilton, Paul Sweezy, Kohachiro Takahashi, Georges Lefebvre, Christopher Hill, Giuliano Procacci, Eric Hobsbawm e John Merrington.¹⁹ Já nos anos de 1970, a discussão foi retomada e amplificada com as análises originais dos historiadores e economistas americanos Robert Brenner e Ellen Wood a respeito das origens agrárias do capitalismo.²⁰ Podemos ilustrar o que foi dito com as palavras de Harvey J. Kaye:

¹⁸ (Saes, 2017, p. 40 – 43).

¹⁹ “[...] não foi o estudo realizado por Dobb a respeito das etapas mais recentes do capitalismo que despertou o interesse dos participantes do debate, mas suas afirmativas sobre as forças que destruíram o feudalismo. Os problemas da transição, em sua maioria, foram abordados tomando-se como ponto de partida de preferência a Idade Média, e não os tempos modernos. Aliás, foi baseado principalmente no trabalho do historiador não-marxista merecidamente famoso, Henri Pirenne, que Paul Sweezy desferiu suas críticas a Dobb.” (Hilton, 1977, p.11). Para uma síntese do debate, conferir o trabalho de (Mariutti, 2004).

²⁰ (Brenner, 1976, pp. 30 – 74), (Wood, 2001).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

*A natureza controversa da interpretação de Dobb sobre a transição para o capitalismo é evidenciada pela discussão que se seguiu à publicação dos *Studies* e pelo contínuo debate acerca do tema o qual remonta, criticamente ou não, ao trabalho de Dobb. Isso é de interesse [...] porque indica as direções que estudos e discussões posteriores sobre as origens e o desenvolvimento do capitalismo iriam tomar e, portanto, fornece uma noção mais clara sobre as contribuições que o trabalho de Dobb fez para os estudos históricos e para a teoria social.²¹*

A consolidação desse profícuo debate, cujo ponto de partida são os *Studies*, na década de 1950, e sua reverberação vinte anos depois nos dá bons indicativos sobre a proeminência de Dobb no que concerne à formação da historiografia econômica e social marxista na Inglaterra. O autor, colocando em primeiro plano a análise da dinâmica das lutas de classes e das contradições materiais engendradas no próprio bojo da tessitura socioeconômica da Europa Ocidental ao longo da transição “feudalismo-capitalismo”, sem negligenciar de modo algum as influências da expansão comercial europeia nesse processo histórico, teria sido um dos grandes contribuintes para a formação dos estudos marxistas britânicos em meados do século XX.²² De acordo com o próprio economista:

O que vemos com toda a clareza faltar na interpretação tradicional é uma análise das relações internas do feudalismo como modo de produção e a parte por elas desempenhada na determinação da desintegração ou sobrevivência do sistema. E embora o desfecho real tenha de ser tratado como resultado de uma interação complexa entre o impacto externo do mercado e essas relações internas do sistema, há um sentido em que as últimas podem ser tomadas como tendo exercido a influência decisiva. Conforme Marx observou, a “influência dissolvente” que o comércio terá sobre a ordem antiga depende do caráter desse sistema, “sua solidez e articulação interna” e, em seguida, “o modo de produção que irá tomar o lugar do antigo é coisa que não depende do comércio, mas do caráter do próprio modo de produção”.²³

Esse trecho retirado dos *Studies* já apresenta bons indícios da ênfase que Dobb dá à compreensão marxista da história do desenvolvimento econômico. Para melhor compreender, entretanto, o impacto do economista na historiografia econômica ao longo do século XX, atentaremos para o contraponto deste autor com aquele que foi o

²¹ (Kaye, 1984, p. 42 – 43).

²² (Kaye, 1984, p. 23).

²³ (Dobb, 1977, p. 60).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

establishment histórico inglês durante a transição dos oitocentos para os novecentos. Como Dobb se posiciona diante da produção intelectual anterior e, analogamente, onde se situa na passagem da historiografia econômica hegemônica até meados da década de 1920 para aquela que é tributária dos trabalhos de Marx e Engels no século XIX?

A pergunta acima nos leva a acompanhar o amadurecimento teórico e metodológico do autor entre as décadas de 1920 e de 1940. Surge então a tarefa de realizar um aprofundamento da vida intelectual e política do economista no mesmo período, estabelecendo relações entre sua produção acadêmica e sua *práxis*. Com base nisso, teremos chance de melhor entender a maneira pela qual as contribuições de Dobb ao longo de duas décadas se expressam como negação do *establishment* historiográfico inglês que perdurou até fins da primeira metade do século passado. Assim, pretende-se colocar os *Studies* como ponto de chegada no processo de consolidação de um novo “fazer histórico” britânico.

Já no final de seu ensino secundário, a leitura de figuras como Marx, Engels e Lenin geraram em Dobb o gosto tanto pela História quanto pela Economia, levando-o aos estudos de História Econômica e do Pensamento Econômico.²⁴ Ao mesmo tempo, a entrada do autor no Independent Labour Party ampliou seu contato com a classe trabalhadora britânica.²⁵ Posteriormente, ao ingressar no Partido Comunista Inglês no ano de 1922, sua aproximação com a teoria de Marx tornava-se ainda mais estreita, permitindo-lhe que se considerasse um marxista já ao final de sua graduação em Economia.²⁶

Essa forte conexão que gradualmente se formava é que deu ao economista inglês o interesse por uma interpretação sobre o desenvolvimento econômico da Europa

²⁴ “[...] a análise econômica só faz sentido e pode dar frutos quando ligada a um estudo do desenvolvimento histórico, e que o economista assoberbado pelos problemas atuais tem algumas perguntas próprias a fazer aos dados históricos. Fortaleceu-nos a crença de que um estudo do capitalismo em suas origens e crescimento, tarefa tão desprezada pelos economistas (exceto os de orientação marxista), constitui fundamento essencial de qualquer sistema realista de Economia”. (Dobb, 1977, p. 7).

²⁵ Apesar da efêmera passagem do marxista Dobb pelo Independent Labour Party, esta organização, fundada no ano de 1893, nunca possuiu qualquer inclinação marxista revolucionária e, portanto, comunista. Limitava-se a uma prática reformista, aliando-se em larga escala aos parlamentares do Partido Liberal. Apoiava-se, portanto, numa luta dentro dos limites das instituições burguesas da época. Não é surpreendente, desse modo, que o autor tenha ficado tão pouco tempo no partido até migrar enfim para o Partido Comunista Inglês antes mesmo da morte do líder bolchevique V. Lenin. (Lenin, 2014, p. 55).

²⁶ (Kaye, 1984, p. 26).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

Ocidental partindo de suas bases estruturais, sistêmicas. Dobb buscava compreender os fundamentos materiais da transição do feudalismo para a economia moderna desde o final da Idade Média. Não é mera coincidência, portanto, que a metodologia empregada pelo economista ao longo de toda a sua vasta contribuição intelectual terá como principal característica a ênfase nas lutas de classes como fio condutor da evolução do capitalismo. Este, por sua vez, teria de ser um objeto teórico e, acima de tudo, histórico.²⁷

A análise do desenvolvimento capitalista fundamentado nas lutas de classes e na teoria da história universal de Marx é o que nos possibilita entender os motivos por trás da definição que Dobb aplica a essa estrutura socioeconômica.²⁸ O autor não pensa a economia moderna simplesmente como uma rede comercial de larga escala ou como a concretude de um espírito burguês, ou seja, uma mentalidade empresarial fundada no cálculo diferencial e na racionalidade. Para ele, o capitalismo é um modo de produção específico e historicamente determinado.²⁹ O economista justifica-se ao dizer que “qualquer definição, afinal, tem de repousar no seu êxito ao esclarecer o processo real de desenvolvimento histórico, na medida em que dá ao nosso quadro do processo uma forma correspondente aos contornos que a paisagem histórica demonstra ter”.³⁰

Esse esforço feito por Dobb para fazer uso de uma definição precisa, em bases marxistas, do que é o capitalismo como uma estrutura histórica específica e determinada levou o autor para embates teórico-metodológicos com cânones da História Econômica e da Sociologia. Para o autor, Henri Pirenne (1862 – 1935) em seu *História Econômica e Social da Idade Média* e Werner Sombart (1863 – 1941) em seu *Der moderne Kapitalismus* associam-se respectivamente ao primeiro e ao segundo posicionamento sobre o que viria a ser a economia moderna, como explicitamos no parágrafo acima.³¹ Engana-se, entretanto, quem acredita que esse debate de definições fosse fruto de mero

²⁷ (Kaye, 1984, p. 26).

²⁸ “[...] Karl Marx estudou diversas temporalidades históricas – os chamados ‘Modos de Produção’. Estes convivem ao mesmo tempo (sincronicamente), mas têm de ser considerados também em certa ordenação, ou seja, segundo um certo fio histórico condutor, uma certa *diacronia* (um ‘através do tempo’). Essa metodologia histórica diacrônico-sincrônica dá base à teoria da história universal em Marx (*Weltgeschichte*)”. (Padial, 2019, p. 10).

²⁹ “[...] temos o significado inicialmente conferido por Marx, que não baseava a essência do Capitalismo nem num espírito de empresa nem no uso da moeda para financiar uma série de trocas com o objetivo de ganho, mas num determinado modo de produção [...]. Não pretendemos debater aqui os méritos das definições rivais, e simplesmente tornar claro que nos ensaios seguintes será o último desses sentidos aquele em que empregaremos o termo ‘Capitalismo’, sublinhando algumas das implicações em seu uso nesse sentido.” (Dobb, 1977, pp. 18 – 19).

³⁰ (Dobb, 1977, p. 19).

³¹ (Dobb, 1977, p. 14 – 17).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

pedantismo por parte do economista. Na realidade, segundo Dobb, o significado a ser empregado num termo tão substancial como “capitalismo” está intimamente relacionado à maneira como o estudioso traçará a gênese histórica da economia industrial moderna. A escolha dos fatos relevantes e até mesmo do fio condutor da dinâmica histórica depende, portanto, da maneira como se define o termo em questão.³²

E é exatamente esse interesse de Dobb pela desconstrução das interpretações consideradas clássicas sobre o desenvolvimento do capitalismo, essencial para suas teses sobre a transição, que futuramente lhe renderia uma posição de proeminência nos estudos econômicos ingleses.

É fundamental notar, porém, que a metodologia empreendida por Dobb nos estudos históricos sobre o desenvolvimento econômico, definidora de sua linha interpretativa, passou por um longo processo de amadurecimento cujo ponto de partida é o início da década de 1920. E isso pode ser observado em artigos publicados pelo autor nesse período, os quais já evidenciam a influência da visão de mundo marxista nos estudos de Dobb. Um desses artigos é o chamado “The Entrepreneur Myth” (*Economica*, 1924).

Nesse pequeno trabalho, Dobb busca compreender as origens do burguês, ou seja, do proprietário dos meios de produção no sistema capitalista. Nesse sentido, o que é central no artigo são seus questionamentos sobre as explicações para esse fenômeno tipicamente aceitas por historiadores e economistas ingleses até aquele momento, as quais estavam enraizadas na Escola Neoclássica de economia.³³ A interpretação dessa matriz de pensamento se fundamenta na premissa de que o capitalista, uma vez que representa *ipsis literis* a figura abstrata do “empreendedor”, seria uma condição necessária para a própria organização da vida social. Com a intensificação e a expansão da divisão do trabalho ao longo dos séculos, a dinâmica econômica passaria a níveis de complexidade cada vez maiores. Assim, a sobrevivência do sistema econômico dependeria quase que unilateralmente da presença desse elemento. O capitalista funcionaria como um nervo central de todo um organismo, alocando recursos de uma maneira competitiva e eficiente, tomando decisões racionais a partir da observação do comportamento dos preços dos mais

³² (Dobb, 1977, p. 13).

³³ Perceba, nesse sentido, que as divergências mais gerais entre os economistas históricos e os representantes neoclássicos (que pincelamos rapidamente na seção anterior) não eram suficientes para eliminar um certo contato entre ambos quando se trata de um assunto mais ou menos específico como é o caso do tema abordado no artigo de Dobb.

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

variados bens e garantindo, assim, o funcionamento normal e equilibrado da economia. O padrão, sendo a representação concreta do “empreendedor” abstrato, funcionaria como o resultado lógico e necessário do processo secular de divisão e especialização do trabalho. A complexificação da economia a torna mais delicada e ao mesmo tempo mais integrada entre suas diversas áreas. Caberia ao capitalista, portanto, a responsabilidade por garantir essa integração e todo esse dinamismo.³⁴

Dobb inicia sua crítica de forma categórica ao afirmar que o “empreendedor” idealizado pela teoria econômica neoclássica (que pressupõe, antes de mais nada, uma economia de concorrência perfeita) não é perfeitamente reproduzido pelo capitalista, pelo burguês na concretude econômica.³⁵ Assim, segundo o economista, se outros fatores além da própria divisão do trabalho não estivessem presentes na história do desenvolvimento, o surgimento do burguês poderia não ter acontecido. Mas então qual seria o fator principal elencado pelo autor?

A ênfase dada por Dobb está no processo secular de diferenciação classista entre os elementos sociais. Diferenciação essa que, assumindo a forma de monopólios para uma parcela reduzida da comunidade (geralmente ligada ao comércio), tem suas origens ainda na fase final do feudalismo na Europa Ocidental. Partindo de condições extraordinariamente vantajosas, tais comerciantes teriam condições de assumir riscos nos investimentos de capitais em um ou outro setor da atividade econômica. A escassez dessas vantagens diferenciais, por meio de barreiras de entrada nos negócios monopolistas, fez com que uma massa de despossuídos enxergasse como única forma de sobrevivência a venda de sua força de trabalho em troca de um salário, encontrando-se numa dependência estritamente econômica diante do monopolista.³⁶

Assim, um elemento fundamental para se compreender a gênese histórica do burguês capitalista é aquele em que as classes constituem-se por meio de vantagens diferenciais, de modo que interesses de uma parcela da comunidade entram em choque com os interesses da outra parte. O padrão, portanto, não seria um resultado natural e

³⁴ (Dobb, 1924, p. 69).

³⁵ Uma das hipóteses fundamentais válidas para definir um mundo de concorrência perfeita é aquela em que os preços são dados. Uma vez que o índice de preços é constituído a partir das interações dos agentes no mercado, um indivíduo (firmas ou famílias) é incapaz de alterar ou sequer influenciar o preço de uma mercadoria. É, portanto, um *agente tomador de preços*.

³⁶ Para entender o processo pelos quais os camponeses tornaram-se despossuídos de suas parcelas nas terras comunais, durante o período dos cercamentos, ver (Marx, 2013, p. 785 – 833).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

lógico da divisão e da especialização do trabalho. Ele é, em última instância, fruto das lutas de classes e de seus antagonismos na transição do feudalismo para o capitalismo. Nas palavras de Dobb:

[...] talvez seja fútil perguntar se o passado poderia ter sido outro do que ele foi, ou questionar se o futuro será diferente do que ele será; mas para propósitos analíticos é justificado constatar que, se outros fatores para além da divisão do trabalho não estivessem presentes, o padrão não teria surgido. Outros fatores sociais, tais como as diferenciações de classe e a propriedade privada da terra, têm o mesmo direito de serem considerados como “causas” do padrão [...]. Tais vantagens diferenciais, em parte como legado do feudalismo, colocaram uma classe da comunidade numa posição onde a tomada do risco e a organização comercial eram relativamente fáceis; enquanto outra classe, desprovida dessas vantagens, terminou numa situação de relativa dependência. Quando tais vantagens eram suficientemente escassas, em relação à demanda social pelo capitalista, o retorno monetário para sua atividade era grande conseqüentemente.³⁷

O excerto acima deixa claro que Dobb evita a todo custo colocar o surgimento do “empreendedor” como um fenômeno natural e teleológico. Na realidade, a gênese do capitalista fundamenta-se num processo histórico de desenvolvimento econômico em que conflitos de classes assumiriam uma responsabilidade ímpar. Pode-se perceber, portanto, como o autor aplica já nesse artigo uma interpretação marxista aos estudos sobre a formação da sociedade burguesa moderna.

Ressaltemos também que, ao longo das décadas de 1930 e de 1940, o autor desenvolveu a pesquisa de temas relacionados à História do Pensamento Econômico, em especial à teoria econômica de Marx. Já em um momento no qual sua relação teórica com o revolucionário alemão mostra-se mais amadurecida, Dobb publica o artigo “A note on some aspects of the economic theory of Marx” (*Science and Society*, 1938).

Em sua nota, Dobb está interessado em recusar certas teses amplamente circuladas entre economistas da academia e também do mercado (principalmente no mundo anglo-saxão) que consistem em dizer que a teoria de Marx estaria, ali em meados dos anos de 1930, obsoleta e imprecisa no que diz respeito à capacidade de explicar os fenômenos atuais da realidade econômica. Nada nela restaria a não ser um vago interesse por conhecer um pouco mais da história das ideias. O autor, nesse sentido, busca analisar

³⁷ (Dobb, 1924, p. 70 – 71).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

alguns aspectos da teoria marxista do valor, apontando para certos elementos tratados por Marx e que não foram reconhecidos pelos economistas burgueses na passagem do século XIX para o século XX. De acordo com o próprio autor:

Eu não pretendo entrar aqui numa discussão sobre a teoria do valor de Marx [...], ou tratar do significado geral da teoria de Marx como um todo. Eu desejo apenas chamar a atenção para um ou dois aspectos da teoria de Marx que parecem ter sido em geral esquecidos, alguns deles indicando até que ponto suas análises dos mais técnicos dos problemas econômicos possuem um sabor “moderno” distinto. Em numerosos pontos de análise técnica (até mesmo nas fragmentadas e não acabadas formas nas quais foram deixados os volumes II e III d’O Capital) ele não só estava além de outros economistas da época, mas ele antecipou ideias cujo crédito é geralmente dado a escritores mais recentes nas discussões sobre a história do pensamento econômico.³⁸

A primeira tese que Dobb busca desconstruir é a de que Marx, em sua análise sobre a determinação da taxa de lucro, não teria levado em consideração o “elemento – tempo” [*time – element*]. Na realidade, embora a discussão acerca dos efeitos temporais incidentes sobre o lucro e o capital tenha se tornado famosa no meio acadêmico austríaco, Dobb é capaz de afirmar que Marx já havia antecipado a questão num momento anterior. Isso graças à análise que este empreende sobre o “período de produção”, que não seria nada mais do que o período de rotatividade do capital investido. Em suma, esta dependeria não apenas do tempo dispendido no próprio processo produtivo, mas também do intervalo de maturação de produtos a serem vendidos futuramente. Além disso, no cálculo da rotatividade, o tempo de circulação de mercadorias acabadas ou semiacabadas que estão estocadas para uma venda futura ou que estão sendo transportadas dum ponto ao outro na teia comercial também deveria contar como um fator a ser considerado.

Marx teria conseguido, portanto, analisar a relação existente entre a taxa de lucro e a rotatividade num espaço de tempo para um dado estado de produtividade do trabalho e para um dado nível fixo de salários. É fundamental, segundo Dobb, perceber, entretanto, que a análise da variação temporal na taxa de lucro não fez com que Marx abrisse mão de sua principal premissa: que a mais-valia continuaria sendo determinada unicamente pela relação entre o valor da força-de-trabalho (salários) e *quantum* de valor de uma mercadoria sobre a qual cristalizou-se uma dada quantidade de trabalho humano

³⁸ (Dobb, 1938, p. 322).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

indiferenciado simples e socialmente necessário.³⁹ É nessa relação de exploração que se funda a estrutura do modo de produção capitalista.⁴⁰

Dobb também explicita que Marx, em sua análise sobre o problema da acumulação de capital, estaria interessado em realizar uma compreensão dinâmica da complexidade econômica. Em certo sentido, a motivação que o revolucionário alemão tem para realizar sua crítica da economia política é justamente a de tentar entender as leis de movimento da sociedade capitalista. Não significa, porém, que Marx teria sido o único a tomar tal iniciativa. Na realidade, desde Smith e Ricardo até Alfred Marshall, os economistas buscaram analisar a acumulação de capital como um processo contínuo, diferenciando o que seria um equilíbrio estático de um equilíbrio dinâmico. Mas, para nosso autor, a diferença de Marx frente aos cânones da economia burguesa estaria no fato de que a concepção de movimento por ele empregada parte de uma compreensão dialética e não mecanicista da realidade histórica e econômica.

O movimento que estaria por trás da acumulação capitalista não consistiria, dessa forma, num simples caminho a ser traçado ao longo de uma curva matemática, mas estaria fundado nos conflitos e nas contradições existentes entre as forças motoras da economia moderna. Os eventos econômicos, portanto, não poderiam ser rigidamente determinados (embora Marx, segundo Dobb, não concebesse os fenômenos capitalistas como simples ocorrências espontâneas e indeterminadas, como que vindas do nada) com base numa lei natural ou numa proposição matemática pura e simplesmente. Na realidade, fundamentavam-se na dinâmica concreta das lutas de classes.⁴¹

Em suma, o conjunto de textos com os temas tratados nos parágrafos acima nos fornece conceitos, métodos e interpretações abraçados por Dobb e que passariam por um importante processo de maturação intelectual que terá como resultado a publicação de sua principal obra: *Studies in the development of capitalism*.

É nessa obra seminal que o autor demonstra uma aproximação mais aguda e estreita com a própria teoria de Marx. Justamente pelo fato de que sua ligação com o marxismo, desenvolvida entre as décadas de 1920 e 1940, também se mostra mais refinada e amadurecida. Como havíamos afirmado no início do artigo, Dobb se esforça em compreender a transição do feudalismo para o capitalismo observando e analisando

³⁹ Sobre a definição marxista de trabalho, (Marx, 2013, p. 113 – 158).

⁴⁰ (Dobb, 1938, p. 324 – 325).

⁴¹ (Dobb, 1938, p. 328 – 329).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

as contradições engendradas pelas próprias relações pré-capitalistas de produção. Essas, por outro lado, retroalimentando e interagindo com o movimento de expansão comercial na Europa Ocidental, teriam legado as bases sociais e os pilares estruturais para um novo sistema econômico. De acordo com o autor:

Assim que inquirimos até onde as forças internas da economia feudal foram responsáveis por seu declínio, voltaremos para uma direção em que se aplicou menos estudo e onde a evidência não se mostra abundante ou conclusiva. A evidência de que dispomos, no entanto, indica com vigor que foi a ineficiência do feudalismo como sistema de produção conjugada às necessidades crescentes da classe dominante quanto à renda, o que se responsabilizou primariamente por seu declínio; essa necessidade de renda adicional promoveu um aumento da pressão sobre o produtor a um ponto onde se tornou literalmente insuportável. A única fonte da qual a classe dominante feudal extraía sua renda, e a única pela qual ela podia ser aumentada, era o tempo de trabalho excedente da classe servil, além daquele que se fazia necessário para prover à própria subsistência dela. Com o estado baixo e estacionário da produtividade de trabalho nessa época, pouca margem restava para a qual esse produto excedente pudesse ser aumentado e qualquer tentativa de fazê-lo tendia a ser à custa do tempo dedicado pelo produtor ao cultivo de sua própria e modesta terra, levando logo a sobrecarregar sua força além de limites humanos [...]. Para o sistema que se apoiava nesses fundamentos, a história iria ter o seu próprio ajuste de contas particular.⁴²

O próprio significado que Dobb atribui, em sua maior obra, tanto para o feudalismo como para o capitalismo, ambos como modos de produção específicos, está intimamente associado à leitura do autor sobre o desenvolvimento econômico em perspectiva histórica. O próprio Marx nos aponta, em seus trabalhos sobre a acumulação originária de capital, que, ao definir o capitalismo como um modo de produção industrial (onde se materializa o confronto entre proletariado e patrão) deve-se ter como pressuposto a compreensão da guerra entre classes como fundamento da dinâmica dialética por trás dos desdobramentos históricos. Nas palavras de Marx:

Num primeiro momento, dinheiro e mercadoria são tão pouco capital quanto os meios de produção e de subsistência. Eles precisam ser transformados em capital. Mas essa transformação só pode operar-se em determinadas circunstâncias, que contribuem para a mesma finalidade: é preciso que espécies bem diferentes de possuidores de mercadorias se defrontem e

⁴² (Dobb, 1977, p. 60).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

estabeleçam contato; de um lado possuidores de dinheiro, meios de produção e meios de subsistência, que buscam valorizar a quantia de valor de que dispõem por meio da compra da força de trabalho alheia; de outro, trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, por conseguinte, vendedores de trabalho [...]. Com essa polarização do mercado estão dadas as condições fundamentais da produção capitalista. A relação capitalista pressupõe a separação entre os trabalhadores e a propriedade das condições de realização de seu trabalho. A assim chamada acumulação primitiva não é, por conseguinte, mais do que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção. Ela aparece como 'primitiva' porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde.⁴³

Podemos ver, na sequência dos dois excertos, como aproximação crescente e contínua entre Dobb e a teoria de Marx caminhou *pari passu* ao desenvolvimento da principal proposta de pesquisa do autor, iniciada nos anos de 1920: o estudo minucioso da formação do capitalismo como uma estrutura historicamente determinada, com bases materiais específicas que definem a tessitura social da economia moderna.

CONCLUSÃO

Tentamos discutir, ao longo do presente artigo, a maneira como Dobb se posiciona entre dois momentos da historiografia britânica: uma muito mais ligada ao empirismo e ao liberalismo e outra intimamente atrelada aos pioneiros do marxismo. Nesse sentido, foi possível apresentar sumariamente que os trabalhos do economista britânico divergem metodológica e teoricamente do *establishment* anterior, na medida em que Dobb busca ampliar e aprofundar as análises de Marx sobre as origens do capitalismo.

Ao colocar como determinante do desenvolvimento econômico e dos desdobramentos históricos as lutas de classes imersas nas próprias relações pré-capitalistas de produção, o autor estaria se afastando não só da teoria econômica neoclássica, como em *The Entrepreneur Myth*. De uma forma mais geral, contrapunha-se à própria metodologia empirista e positivista que norteava o trabalho dos historiadores, dos historiadores econômicos e dos economistas históricos. Assim, Dobb passa a sugerir,

⁴³ (Marx, 2013, p. 786).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

a partir da década de 1920 e principalmente em seus *Studies*, uma nova diretriz para a análise econômica e histórica no meio intelectual inglês, pouco afeito ao marxismo.⁴⁴

Com o que foi dito acima, afirmamos que a tese proposta por Kaye e que explicitamos no início desse artigo se mostra mais precisa e coerente do que a enunciada por Johnson. Não há dúvidas de que entre Dobb e seus colegas do Partido Comunista Inglês (Hilton, Hill, Hobsbawm e Thompson) existem diferenças substanciais do ponto de vista analítico e inclusive no que diz respeito ao modo de tratar os desdobramentos históricos e suas nuances. Isso é de se esperar inclusive pelo fato de que Dobb era um economista de formação, ao passo que seus pares eram graduados em História, sendo que estes tiveram contato, portanto, com outros arcabouços teóricos.

Julgamos, no entanto, que essas diferenças não bastam para dizer que entre Dobb e os outros marxistas há uma ruptura teórica e metodológica. Isso porque todos eles guardavam em comum o esforço de analisar a dinâmica do desenvolvimento e da formação do capitalismo a partir das lutas de classes e do antagonismo existente entre interesses materiais dos polos constitutivos do capitalismo. A tradição teórica que tem Dobb como um de seus pioneiros é aquela que dá ênfase às lutas de classes como fio condutor da dinâmica histórica e das especificidades concretas de cada período. É nesse sentido que é possível enxergar uma continuidade entre Dobb e a produção historiográfica marxista que lhe é posterior e tributária.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DOBB, Maurice. *The Entrepreneur Myth*. Londres: *Economica*, 1924.

DOBB, Maurice. A note on some aspects of the economic theory of Marx. *Science and Society*, 1938.

DOBB, Maurice. *A Evolução do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

CORNER, Paul. "Marxism and the British Historiographical Tradition". BARANSKI, Zygmunt G. & SHORT, John R (Org.). *Developing Contemporary Marxism*. Nova York: St. Martin Press, 1985.

BRENNER, Robert. *Agrarian Class Structure and Economic Development in Pre-Industrial Europe. Past and Present*, 1976.

⁴⁴ (Hilton, 1977, p. 10).

**X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência
Internacional de História Econômica**

BUTTERFIELD, H. *The whig interpretation of history*. Londres, 1931.

CARR, Edward H. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HILTON, Rodney (Org.). *A Transição do Feudalismo para o Capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

KAYE, Harvey J. *The British Marxist Historians*. Oxford: Polity Press, 1984.

SAES, Alexandre Macchione. “A institucionalização da História Econômica: história e ambiente intelectual na formação das associações de História Econômica”. SAES, Flávio; SAES, Alexandre & ROSA RIBEIRO, Maria Alice (Orgs.). *Rumos da História Econômica no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2017.

MARIUTTI, Eduardo B. *Balanço do Debate: a Transição do Feudalismo ao Capitalismo* São Paulo: Hucitec, 2004.

MARX, K. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MARX, K. *O Capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

PIRENNE, Henri. *História Econômica e Social da Idade Média*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1966.